

3.º Congresso Beirão

AVEIRO - 1928

LINHOS

Tese apresentada por
Mário F. N. Ramos.



IMPrensa DA UNIVERSIDADE
COIMBRA - 1928

3538
Reg. 060935-
3.º Congresso Beirão

AVEIRO - 1928



LINHOS

Tese apresentada por
Mário F. N. Ramos.



IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

COIMBRA - 1928

bibRIA

A presente tese não tem a preocupação da novidade, pois são de velha sabedoria as suas conclusões, não visa a esclarecer pontos obscuros pois a brilhante *Dissertação Inaugural sobre a cultura do linho* (1904) pelo Sr. Agrônomo A. F. Barros da Fonseca a que frequentemente me reporto (nem outro qualquer trabalho sobre linhos encontrei nas bibliotecas coimbrãs), a todos atendeu com inteligente cuidado, mas tão sómente a chamar a atenção para um importante ramo da riqueza beirã de há muitos anos descurado, quer pelos habitantes quer pelo Estado, mas que, por todos os motivos, merece ser cuidado com carinho pelo muito que é e pelo muitíssimo que deve ser na vida económica portuguesa.

«Desde a mais remota antiguidade que se conhece, que se cultiva e que se aproveita o linho, de que os habitantes das povoações lacustres da Suíça, no tempo dos instrumentos de pedra, aproveitaram a variedade vivaz *Linum angustifolium* (D. C.) cultivando-o e tecendo-o.

Também o seu uso e proveito não foi desconhecido dos antigos egípcios, nem dos hebreus, merecendo no Egypto honras de divindade. *Isis* (dea linigera), que ensinou a cultiva-lo, *Minos*, que ensinou o modo de o fiar e *Cecrops*, a quem se deveram as primeiras noções sobre a maneira de o tecer.

Tem-se o linho como originário da Alta Ásia, donde se

espalhou pelas regiões do Oriente e do norte da África e, segundo a autoridade de A. de Candolle, o linho comum, êsse que há quatro ou cinco mil anos, pelo menos, se cultivava na Assyria e no Egypto, proveio das localidades compreendidas entre o golfo Pérsico, o mar Cáspio e o mar Negro, onde ainda se encontra aparecendo espontâneamente. Os finlandezes introduziram-o no norte da Europa nos séculos x a xii da era cristã, sendo já a sua cultura conhecida no sul do continente, importada pelos aryas e fenícios, disseminando-se depois por toda a Europa».

Sabe-se do linho em Portugal a partir do princípio da nacionalidade, conhecendo-se nas suas diversas fases, sobretudo de fiação e tecelagem, praticadas por nobres e plebeus e até em serões reais, cantados por poetas e trovadores, êsse branco linho que, logo beija rosadas carnes de recém-nascidos, conviva o mais íntimo e achedgado vida fora, noite e dia, sendo dele o último abraço e companhia na sepultura.

Primores de fiação, artísticos desenhos no tecer, de que restam ainda, aqui e acolá, maravilhas, como por exemplo dos linhos de Folgues (Arganil) e Almalaguez (Miranda do Córvo), curiosos labores nos instrumentos e utensílios, duma arte popular admirável desde rócas e fusos, até aos teares, tudo daria para para um longo trabalho de apreciação e análise incompatível com o objectivo desta tese, mas merecedor de fazer-se.

As variedades hoje cultivadas nas Beiras, são a galega e moirisca, esta de sequeiro, frio ou de inverno, de melhor fibra, aquele de regadio, serôdio. O linho de Riga, do qual alguma cousa résa a tradição, desapareceu. O galego, o mais disseminado por a época em que se cultivava e pelos terrenos de segunda qualidade que requer, rivalisa,

nos locais mais frios, com os melhores linhos russos, produzindo fibra mais longa e mais branca que o moirisco. Outras variedades ou sub-variedades, nacionais embora, não se cultivam nas Beiras.

Pela invasão crescente dos tecidos de algodão a baixos preços, facilitando a sua aquisição, arrebiques de modas de aparências sugestivas mas de menor valor intrínseco, e ainda pela vida mais agitada e intensa que dispersa actividades, arredando-as de serviços de longos cuidados, a indústria do linho entrou em decadência, sendo nos últimos anos mais uma curiosidade de lavrador ou teimosia de velhos do que labôr rico. Também a crença de que as curtimentas produziam sezões alarmaram as populações ruraes, chegando a ser proibidos aqueles trabalhos.

Abandonado ou esquecido pelos camponeses, combatido pelos algodoeiros, escarnecido por mercadores e modistas e ignorado por governantes, o linho quasi desapareceu. Durante os últimos anos de guerra, porém, e depois, por um desses salutaes virar de atenções e de critérios que, se teem, neste caso, muito do capricho das modas, teem de sobra, fundamento serio, consegue de novo valor real, primeiro ás estopas e depois aos linhos, muito renumeradoramente procurados hoje e altamente apreciados nas reliquias de tecelagem caseira artistica, estando o mercado muito longe de satisfazer a procura. A indústria fabril linica, fia e tece, na sua quasi totalidade linhos importados principalmente da Rússia, outrotanto acontecendo ainda que em minima quantidade na caseira que os adquire já quasi preparados para a fiação, isto é, a produção agrícola não chega para o consumo doméstico quanto mais para o fabril. Se atendermos ao já affirmado desenvolvimento do gosto pelo uso dos linhos, de ambas e proveniências, à falta que o mercado acusa

nêstes produtos de origem nacional e ao custo dos importados, é manifesta a necessidade de uma eficaz protecção agrícola primeiro e industrial depois e ainda pantal que, salvaguardando os interesses nacionais, lhes abra uma abundante fonte de receita pública de lucros certos para o lavrador, industrial e tesouro nacional.

Alargar a área de cultivo, seleccionar as sementes, disseminar os conhecimentos sôbre as melhores espécies, facultá-las, tornar populares os mais eficazes métodos de cultura, preparação e sobretudo de curtimenta, estimular e premiar os melhores produtores e industriais, fomentar o completo aproveitamento de linhos em roupas, velames, rendas, cordoarias, etc., das sementes em óleos e aplicações terapêuticas, dos resíduos na alimentação de gados, etc., largo campo para a acção do lavrador e industrial há, como para exercer-se um eficaz patrocínio governativo a tão valiosa fonte de receita.

Na fição e tecelagem, não obstante a maior produção, que vem das fabricas, tem de marcar-se um grande e melhor logar à indústria caseira que, na seguida prática de séculos, consubstanciada no viver quotidiano e por ele influenciada, traduz, ainda hoje, o resumo das tendências artísticas populares, significados de instrução e sentimento artístico que, importa à história da nacionalidade conservar e particularmente à da arte e de economia desenvolver e aperfeiçoar.

CONCLUSÕES

1.^a

O Estado deve todo o auxílio e protecção à cultura e indústria dos linhos.

2.^a

É necessário intensificar a produção, melhorando-a desde a adaptação de variedades culturais até à de processos de maior rendimento.

3.^a

A fiação e tecelagem caseira, devem, porém, ser mantidas e acarinhadas nas suas tradicionais modalidades como um alto valor económico e artístico.

bibRIA

DO MESMO AUTOR:

Aproveitamento piscícola dos rios das Beiras. (Tese
aprovada no 1.º Congresso Beirão — Viseu.)

bibRIA

32